



Heterónimos

Alberto Caeiro

- Na obra de Caeiro, há um objectivismo absoluto ou antimetafísico. Não lhe interessa o que se encontra por trás das coisas. Recusa o pensamento, sobretudo o pensamento metafísico, afirmando que "pensar é estar doente dos olhos".
- Caeiro, poeta do olhar, procura ver as coisas como elas são, sem lhes atribuir significados ou sentimentos humanos. Considera que as coisas são como são.
- Constrói uma poesia das sensações, apreciando-as como boas por serem naturais. Para ele, o pensamento apenas falsifica as coisas.
- Numa clara oposição entre *sensação e pensamento*, o mundo de Caeiro é aquele que se percebe pelos sentidos, que se apreende por ter existência, forma e cor. O mundo existe e, por isso, basta senti-lo, basta experimentá-lo através dos sentidos, nomeadamente através do ver.
- Ver é compreender. Tentar compreender pelo pensamento, pela razão, é não saber ver. Alberto Caeiro vê com os olhos, mas não com a mente. Considera, no entanto, que é necessário saber estar atento à "eterna novidade do mundo".
- Condena o excesso de sensações, pois a partir de um certo grau as sensações passam de alegres a tristes.
- Em Caeiro, a poesia das sensações é, também, uma poesia da natureza. "Argonauta das sensações verdadeiras", o Poeta ensina a simplicidade, o que é mais primitivo e natural.
- Optando pela vida no campo, acredita na Natureza, defendendo a necessidade de estar de acordo com ela, de fazer parte dela.
- Pela crença na Natureza, o Mestre revela-se um poeta pagão, que sabe ver o mundo dos sentidos, ou melhor, sabe ver o mundo sensível onde se revela o divino, em que não precisa de pensar.
- Ao procurar ver as coisas como elas realmente são, sublima o real, numa atitude panteísta de divinização das coisas da natureza.
- Nesta atitude panteísta de que as coisas são divinas, desvaloriza a categoria conceptual "tempo".
- O poeta confessa não ter "ambições nem desejos". Ser poeta é a sua "maneira de estar sozinho".

Ricardo Reis

- Na poesia de Ricardo Reis, há um sentimento da fugacidade da vida, mas ao mesmo tempo uma grande serenidade na aceitação da relatividade das coisas e da miséria da vida.
- A vida é efémera e o futuro imprevisível. "Amanhã não existe", afirma o Poeta. Estas certezas levam-no a estabelecer uma filosofia de vida, de inspiração horaciana e epicurista, capaz de conduzir o homem numa existência sem inquietações nem angústias.
- Reconhecendo a fraqueza humana e a inevitabilidade da morte, Reis procura uma forma de viver com um mínimo de sofrimento. Por isso, defende um esforço lúcido e disciplinado para obter uma calma qualquer.
- Na linha do poeta latino Horácio, Reis considera importante o "*carpe diem*", o aproveitar o momento, o prazer de cada instante.
- Sendo um epicurista, o Poeta advoga a procura do prazer sabiamente gerido, com moderação e afastado da dor. Para isso, é necessário encontrar a ataraxia, a tranquilidade capaz de evitar qualquer perturbação. O ser humano deve ordenar a sua conduta de forma a viver feliz, procurando o que lhe agrada.
- A obra de Ricardo Reis apresenta um epicurismo triste, uma vez que busca o prazer relativo, uma verdadeira ilusão da felicidade por saber que tudo é transitório (ex.: *Vem sentar-te, comigo, Lídia*).
- A *apatia*, ou seja, a indiferença, constitui o ideal ético, pois, de acordo com o Poeta, há necessidade de saber viver com calma e tranquilidade, abstendo-se de esforços inúteis para obter uma glória ou virtude, que nada acrescentam à vida.

- Próximo de Caeiro, há na sua poesia a *aurea mediocritas*, o sossego do campo, o fascínio pela natureza onde busca a felicidade relativa.
- Discípulo de Alberto Caeiro, Ricardo Reis refugia-se na aparente felicidade pagã que lhe atenua o desassossego. Procura alcançar a quietude e a perfeição dos deuses, desenhando um novo mundo à sua medida, que se encontra por detrás das aparências.
- Afirma uma crença nos deuses e nas presenças quase-divinas que habitam todas as coisas. Afirma que os homens se devem considerar "deidades exiladas", com direito a vida própria.
- Considera que sendo o destino "calmo e inexorável" acima dos próprios deuses, temos necessidade do auto-domínio, de nos portarmos "altivamente" como "donos de nós-mesmos", construindo o nosso "fado voluntário". Devemos procurar, voluntariamente, submetermo-nos, ainda que só possamos ter a ilusão da liberdade.
- Pagão por carácter e pela formação helénica e latina, há na sua poesia uma actualização de estoicismo e epicurismo, juntamente com uma postura ética e um constante diálogo entre o passado e o presente.

Álvaro de Campos

- Álvaro de Campos, a reflectir a insubmissão e rebeldia dos movimentos vanguardistas da segunda década do século XX, olha o mundo contemporâneo e canta o futuro.
- Álvaro de Campos é o poeta, que, numa linguagem impetuosa, excessiva, canta o mundo contemporâneo, celebra o triunfo da máquina, da força mecânica e da velocidade. Dentro do espírito das vanguardas, exalta a sociedade e a civilização modernas com os seus valores e a sua "embriaguez" (ex.: *Ode Triunfal*...).
- Diferentemente de Caeiro, que considera a sensação de forma saudável e tranquila, mas rejeita o pensamento, ou de Ricardo Reis, que advoga a indiferença olímpica, Campos procura a totalização das sensações, conforme as sente ou pensa, e que lhe causa tensões profundas.
- Como sensacionista, é o poeta que melhor expressa as sensações da energia e do movimento, bem como as sensações de "sentir tudo de todas as maneiras". Para ele a única realidade é a sensação.
- Em Campos há a vontade de ultrapassar os limites das próprias sensações, numa vertigem insaciável, que o leva a querer "ser toda a gente e toda a parte". Numa atitude unanimista, procura unir em si toda a complexidade das sensações.
- Mas, passada a fase eufórica, o desassossego de Campos leva-o a revelar uma face disfórica, a ponto de desejar a própria destruição. Há aí a abulia e a experiência do tédio, a decepção, o caminho do absurdo.
- Incorporando todas as possibilidades sensoriais e emotivas, apresenta-se entre o paroxismo da dinâmica em fúria e o abatimento sincero, mas quase absurdo.
- Depois de exaltar a beleza da força e da máquina por oposição à beleza tradicionalmente concebida, a poesia de Campos revela um pessimismo agónico, a dissolução do "eu", a angústia existencial e uma nostalgia da infância irremediavelmente perdida.
- Na fase intimista de abulia, observa-se a disforia do "eu", vencido e dividido entre o real objectivo e o real subjectivo que o leva à sensação do sonho e da perplexidade (ex.: *Tabacaria*). Verifica-se, também, a presença do niilismo em relação a si próprio, embora reconheça ter "todos os sonhos do mundo".
- Álvaro de Campos evolui ao longo de três fases: a de influência decadentista a que pertence o *Opiário*; a futurista e sensacionista, de inspiração whitmaniana, onde encontramos, por exemplo, a *Ode Triunfal* e a *Ode Marítima*; e a intimista ou independente, marcada pela abulia e o tédio, pela angústia e o cansaço, com poemas como *O que há em mim é sobretudo cansaço*, *Esta velha angústia*, *Apointamento*, ou os de *Lisbon revisited*.
- Na primeira fase, encontra-se o tédio de viver, a morbidez, o decadentismo, a sonolência, o torpor e a necessidade de novas sensações; na segunda fase, há um excesso de sensações, a tentativa de totalização de todas as possibilidades sensoriais e afectivas (unanimismo), a inquietude, a exaltação da energia, de *todas as dinâmicas*, da velocidade e da força até situações de paroxismo; na terceira fase, perante a incapacidade das realizações, volta o abatimento, a abulia, a revolta e o inconformismo, a dispersão e a angústia, o sono e o cansaço.